

A UTILIDADE DO CONCEITO DE FORMA SUPLETIVA NOS ESTUDOS MORFOLÓGICOS

Augustinus Staub
Pedro Bonilha Regueira
(da Unb)

1 — Forma Supletiva. Definição.

Uma **forma supletiva** pode ser definida como sendo uma forma lingüística que não apresenta a mínima semelhança fonêmica com outra (ou outras) com a qual (ou as quais) constitui um paradigma.

Para Joaquim Mattoso Câmara Jr., **formas supletivas** são

"... formas heterônimas que suprem as deficiências de um paradigma gramatical"¹.

Langendoen afirma:

"... a morpheme may appear which bears no phonological relationship to the original morpheme (that is, which is suppletive)"².

Hockett admite graus na irregularidade, e a presença de uma **forma supletiva** constitui, para ele, o ponto máximo da irregularidade:

"Such an isolated pattern constitutes the high-water-mark of irregularity, called **suppletion or suppletive alternation**"³.

-
- 1 Mattoso Câmara Jr., J. *Dicionário de Filologia e Gramática*. 2ª edição refundida. Rio de Janeiro, J. Ozon+Editor. 1964, p. 334.
 - 2 Langendoen, D. Terence. *The Study of Syntax*. New York, Holt, Rinehart and Winston, Inc., 1969, p. 130.
 - 3 Hockett, Charles F. *A Course in Modern Linguistics*. New York, The Macmillan Company, 1958, p. 280.

2 — Supletivismo

As formas supletivas e o seu emprego são estudados na gramática sob o nome de **supletivismo**, **suplementação** ou **alternância supletiva**.

Para uma melhor compreensão do **supletivismo**, passamos a apresentar as definições do mesmo, dadas por alguns autores. Carreter o define como o

"Fenómeno que se produce cuando en una serie morfológica se cubren algunas que faltan con formas pertenecientes a otra serie"⁴.

Entre nós, Francisco Borba o definiu como sendo a

"Adoção de uma série paradigmática numa outra série por ser uma delas incompleta"⁵.

No **supletivismo**, na opinião de Stephen Ullmann,

"... se juntam formas provenientes de dois ou mais temas separados"⁶.

Dineen descreve a sua manifestação do seguinte modo:

"When there is insufficient resemblance among the phoneme sequences involved in such relations to show a basic form, the process of suppletion or substitution of another base, is discussed"⁷.

3 — O Supletivismo nos Radicais e nos Afixos

Encontramos o **supletivismo** nos radicais e nos afixos. Esta verdade vem expressa na afirmação de Stageberg:

"Suppletion is found in affixes as well as in stems"⁸.

O mesmo ponto de vista aparece claro em Bloch e Trager:

"There are suppletive affixes as well as suppletive bases"⁹.

Devido às deficiências dos estudos morfológicos nas gramáticas tradicionais, os nossos gramáticos praticamente só mencionam o **supletivismo** nos paradigmas de radicais.

É o que podemos ver em Bechara quando afirma:

"O ponto alto de uma Irregularidade em relação ao paradigma da forma regular de determinado elemento mórfico é o processo chamado **suplementação** (ou **alternância supletiva**), que consiste em suprir uma forma com outra de radical diferente"¹⁰.

4 — Conjunto Supletivo

Um conjunto de formas ou um paradigma que contém uma ou mais formas supletivas pode ser chamado de **conjunto supletivo**, **paradigma supletivo** ou **paradigma irregular**.

5 — Características de uma Forma Supletiva

As principais características de uma **forma supletiva** são as seguintes:

(1) Uma **forma supletiva** tem, por obrigação, um significante heterogêneo dos significantes das formas com as quais forma o **conjunto supletivo**;

(2) as formas do **conjunto supletivo** apresentam um significado relacionado quando constituem alomorfes do mesmo morfema;

(3) uma **forma supletiva** (ou formas supletivas) só pode (ou podem) constituir um paradigma com formas não-supletivas ou regulares com as quais está (ou estão) em **relação supletiva**;

(4) uma **forma supletiva**, ou é obrigatória, ou é opcional.

6 — Supletivismo nos Radicais

Em muitas línguas há verbos que combinam **formas supletivas** com as formas regulares dos radicais. O **supletivismo** num paradigma verbal é conhecido sob o nome de **heterosizígia** (do grego: **hetero** = diferente; **sizígia**, do grego: **syzygia**, formado de **syn-** = juntamente, e **zygós** = jugo), enquanto o **supletivismo** num paradigma nominal recebe o nome de **heteróclise**¹¹ (do grego: **hetero** = diferente; **clisis**, termo genérico que inclui próclise, mesóclise e ênclise).

⁹ Bloch, Bernard and George L. Trager. *Outline of Linguistic Analysis*. Baltimore, Linguistic Society of America, 1942, p. 59.

¹⁰ Bechara, Evanildo. *Gramática Portuguesa*. 17ª edição. São Paulo, Companhia Editora Nacional, p. 213.

¹¹ Carreter, Fernando Lázaro. *Idem*. *Ibidem*.

⁴ Carreter, Fernando Lázaro. *Dicionário de Termos Filológicos*. Tercera Edição corrigida. Madrid, Editorial Gredos, S.A. 1968, p. 384.

⁵ Borba, Francisco de Silva. *Pequeno Vocabulário de Linguística Moderna*. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1971, p. 135.

⁶ Ullmann, Stephen. *Semântica*. 2ª edição. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1964, p. 92.

⁷ Dineen, Francis P. *An Introduction to General Linguistics*. New York, Holt, Rinehart and Winston, Inc., 1967, p. 52.

⁸ Stageberg, Norman C. *An Introductory English Grammar*. Second edition. New York, Holt, Rinehart and Winston, Inc., 1970.

Apresentaremos, em seguida, uma exemplificação ampla, porém não exaustiva, do supletivismo nos radicais e nos afixos, tirada, de modo especial, do português e inglês.

7 — Alguns Casos de Heterosizíglia

No Inglês a forma regular *be* constitui um **paradigma supletivo** com as formas irregulares ou **formas supletivas** *am*: *I- are: was: were*. O condicionamento destas formas é gramatical. *Am* ocorre no presente com *I*; *I-* ocorre antes de *-s*, marcador da terceira pessoa do singular do Indicativo; *are* ocorre com *we, you* e *they* no presente; *was* ocorre no "past tense" com *I, he, she* e *it*; *were* também ocorre no "past tense" com as outras pessoas. A forma regular *be* ocorre como forma livre, em *been* e *beign*. Se considerarmos as formas supletivas *am* e *are* podemos afirmar que elas correspondem a *play*; a forma supletiva *I-*, seguida do marcador da terceira pessoa, corresponde a *plays*, enquanto *was* e *were* correspondem a *played*.

O radical do verbo inglês *go-* apresenta a **forma supletiva** *went-*. Esta ocorre no "past tense" e sofre o acréscimo do sufixo flexional irregular */-t/* e não */-d/*, que regularmente é acrescentado aos radicais terminados em consoante sonora. Daí a fórmula: */went/ = /gow went/ + /-t/*. Historicamente *went* era o "past tense" do verbo Inglês *wend* (viajar, ir, prosseguir) que hoje apresenta o passado regular *wended*. A forma *went* parece um tanto deslocada. Regularmente deveria ser *+goed* ou, pelo menos, uma forma iniciada com */g/*. A distribuição *go: went* cobre a distribuição de *see: saw*. A forma regular *go* pode ocorrer como forma livre, em *gone* e *going*.

Examinemos o verbo *ir*, do português, cujo radical apresenta a forma regular *I-* e as **formas supletivas** *va-* e *fo-*, tiradas, respectivamente, dos verbos latinos *vadere* e *esse*. O emprego da forma supletiva *va-* é obrigatório em todas as pessoas do Indicativo presente, menos na segunda pessoa do plural, onde ocorre paralelamente com a forma *I-* (*ides, vades*), no subjuntivo presente, na segunda pessoa do singular e na primeira pessoa do plural do imperativo. Explica-se a presença de *vo-*, na primeira pessoa do indicativo presente, por um fenômeno de assimilação regressiva.

O emprego da **forma supletiva** *fo-* é obrigatório no pretérito perfeito e *mals-que-perfeito* do indicativo, no pretérito imperfeito e futuro imperfeito do subjuntivo. A forma *fu-*, em *ful*, tem como causa o fenômeno da assimilação regressiva. Em *foi* (ele *foi*, de *fuil*) predominou, por analogia às outras formas, a forma *fo-*. Uma potencial indeterminação certamente desempenhou um papel importante na fixação das formas *ful* e *foi*.

O verbo *ser* também recorreu à **forma supletiva** *fo-* para a formação dos pretéritos perfeito e *mals-que-perfeito* do indicativo e do pretérito imperfeito e futuro do subjuntivo.

A forma regular *I-* ocorre nos casos restantes. Verificamos que na segunda pessoa do plural do presente do Indicativo e na segunda pessoa do plural do imperativo, o emprego de forma supletiva *va-* pode alternar com a forma regular *I-* e obtemos *ides* e *vades*, *ide* e *vade* respectivamente.

8 — Alguns Casos de Heteróclise

Os adjetivos monossilábicos Ingêses regularmente formam o comparativo e o superlativo pelo acréscimo, respectivamente, de */-er/* e */-est/* ao radical. Ex.: *tall, taller, tallest*.

O radical *good* apresenta três alomorfes: a forma regular *good* e as **formas supletivas** *bet-* e *be-*. A primeira forma supletiva ocorre com o sufixo *-er*, formador do comparativo. A segunda ocorre com *-st*, alomorfe de *-est*, formadora do superlativo absoluto sintético. O advérbio *well*, recorre às mesmas formas supletivas para a formação dos dois comparativos e obtemos *well, better, best*.

O adjetivo Inglês *bad* recorre, para a formação do comparativo, à simples forma supletiva *worse*, sem sufixo, e de novo a *worse* antes de *-t*, alomorfe de *-est*, para a formação do superlativo. Os adjetivos *evil* e *ill* recorrem à mesma forma supletiva do radical para a formação dos comparativos.

De acordo com Jespersen 12 o comparativo de *dreadful, vile, wretched, wrong*, etc., também pode ser *worse*.

É difícil estabelecermos a existência de um **paradigma supletivo** em *little, less* (eventualmente *littler, least* (eventualmente *littlest*); em *much, more, most*, devido a consoante idêntica no início da forma positiva e das formas comparativas. Esta possibilidade ainda é mais remota em *far, farther, further, farthest, furthest*.

A formas *worse* e *less* são os únicos comparativos formados sem acréscimo de sufixo ao radical. O comparativo *worser*, antigamente freqüente, não é mais aceito no linguajar culto. A forma *lesser* indica tamanho, valor ou importância, como podemos observar em

"Woman is the lesser man, and all thy passions matched with mine.

Are as moonlight into sunlight, and as water onto wine" (Tennyson).

Os adjetivos portugueses *bom, mau* e *ruim, pequeno, grande* recorrem, respectivamente, aos radicais supletivos *ót-, péss-, mín-, máx-*, para a formação do superlativo absoluto sintético e obtemos *ótimo, péssimo, mínimo e máximo*. Para a formação do comparativo de superioridade recorrem aos radicais supletivos *melhor, pior, menor e maior*.

No parecer de Joaquim Mattoso Câmara Jr.,

"Também há formas supletivas na oposição entre masculino e feminino, quando o gênero correspondente a uma distinção de sexo no reino animal"¹².

Vejam os principais exemplos: *bode, cabra; cão, cadela; carneiro, ovelha; cavaleiro, amazona; cavalheiro, dama; cavalo, égua; compadre, comadre; cupim, arará* (fêmea alada); *elefante, allá*, concorrendo com a forma regular *elefanta; frel, soror; gaturamo, galpara; genro, nora; homem,*

¹² Jespersen: Otto. *Essentials of English Grammar*. George Allen and Unwin Ltd, 1960, p. 211.

¹³ *idem* *Ibidem*.

mulher; javali, **gironda**; marido, **mulher**; padrasto, **madrasta**; padre, **madre**; padrinho, **madrinha**; pai, **mãe**; patriarca, **matriarca**; peru, **pássara** (pernambuco), concorrendo com a forma regular **perua**; touro, **vaca**; veado, **cerva**, concorrendo com a forma regular **veada**; zangão, **abelha**; etc...

O feminino de vários substantivos ingleses é formado pelo acréscimo, ao radical, de um sufixo derivacional. Todos estes sufixos, menos **-ster**, são de origem não inglesa. Entre os principais destacamos: **-e**, em **financée**, de **fiandé**; **-anne**, em **comediante**, de **comedian**; **-ess**, em **patroness**, de **patron**; **-ette**, em **Henriette**, de **Henry**; **-ette**, em **farmerette**, de **farmer**; **-euse**, em **masseuse**, de **masseur**; **-ina**, em **Georgina**, de **George**; **-ine**, em **Heroline**, de **hero**; **-ster**, em **spinster**, de **spinner**; **-stress**, em **seamstress**, de **seamster**.

Destes, o de maior vitalidade é, sem dúvida, o sufixo **-ess**. Os sufixos **-enne**, **-euse** e **-e** são empréstimos franceses. O último é um sufixo meramente ortográfico, não ocorrendo na língua falada. O sufixo **-ster** tem um sufixo homônimo cuja ocorrência pode ser verificada em **gangster**, **Oldster**, etc...

Num total aproximado de 50 pares o feminino não é indicado mediante o acréscimo de um sufixo derivacional, como vimos, mas mediante o emprego de um radical supletivo. Apresentamos os exemplos mais flagrantes: **boar**, **sow**; **brother**, **sister**; **bull**, **cow**; **bullock**, **heifer**; **cock**, **hen**; **colt**, **filly**; **deer**, **doe**; **dog**, **bitch**; **drake**, **duck**; **father**, **mother**; **fox**, **vixen**; **nephew**, **niece**; **ram**, **ewe**; **stallion**, **mare**; **uncle**, **aunt**; etc...

Às vezes um radical supletivo é empregado para indicar um adjetivo que indica nacionalidade ou o habitante de um lugar na língua portuguesa. Vejamos os casos mais conhecidos: Alemanha: **germano** ou **germânico**, **tedesco** ou **tudesco**, concorrendo com as formas regulares **alemânico** e **alemão**; Amazonas: **baré**, designativo jocoso, concorrendo com **amazonense**. **Baré** é um indígena da tribo aruaque dos Barés; Badajoz: **pacense**; Cabriúva: **corujense**; Cádiz: **auxitano**, concorrendo com a forma regular **gaditano**; Cartago: **púnico**, concorrendo com a forma regular **cartaginês**; Castelo Branco: **albicastrense**; Ceuta: **abileno** ou **abilense**; Cidade do Salvador: **soteropolitano**, concorrendo com **salvadorense**; Conceição das Alagoas: **garimpense**¹⁴; Espírito Santo: **Capixaba**¹⁵, concorrendo com a forma regular **espírito-santense**; Grécia: **heleno**, **helênico**, **árgico**, concorrendo com a forma regular **grego**; Holanda: **batavo**, **neerlandês**, concorrendo com a forma regular **holandês**; Hungria: **magiar**, concorrendo com a forma regular **húngaro**; Inglaterra: **albinês**, **britânico**, concorrendo com a forma regular **inglês**; Japão: **nipão**, **nipo**, **nipônico**, concorrendo com a forma regular **japonês**; Jerusalém: **slonita**, concorrendo com as regulares **hierosol-**

mita e **hierosolimitano**; Mécia: **divodureense**; Natal: **para-jirimum**¹⁶, concorrendo com a forma regular **natalense**; Rio de Janeiro: **flum'nense** (habitante do Estado do Rio de Janeiro), **carloca** (habitante da cidade do Rio de Janeiro e do Estado da Guanabara), concorrendo com a forma regular **guanabarrino**; Rio Grande (cidade): **para-areia**, concorrendo com a forma regular **rio-grandino**; Rio Grande do Norte: **potiguar**¹⁷, concorrendo com as formas regulares **norte-rio-grandense** e **rio-grandense-do-norte**; Santa Catarina: **barriga-verde**¹⁸, concorrendo com a forma regular **catarinense**; São Leopoldo, **capilé**, concorrendo com a forma regular **leopoldense**; Santarém: **escalabitano**, concorrendo com as formas regulares **santareno** e **santarense**; Sevilha: **hispalense**, concorrendo com a forma regular **sevilhano**; Suíça: **helvétivo**, **helvécio**, concorrendo com a forma regular **suiço**; Transval: **bur** ou **boer**¹⁹, concorrendo com a forma regular **transvalino**; Tróia: **dadânio**, **líaco**, concorrendo com a forma regular **trolano**; Turquia: **otomano** (otomão), concorrendo com a forma regular **turco**; Valparaíso: **portenho**.

Interessantíssimo é o nome recebido pelos habitantes da Ilha Solteira: "A origem de Ilha Solteira é pelo fato de existir próximo ao local onde foi construída a barragem uma ilha isolada; e no rio Paraná é comum haver grupos de ilhas. Por isso, a denominaram de "Solteira", mas os habitantes da cidade são chamados — não importa o seu nível — de "barrageiros", dificilmente são denominados de "solteirenses" ²⁰.

Os adjetivos referentes a adeptos de partidos políticos, podem, em certos lugares, ser formados mediante o emprego de um radical supletivo. Na região de Almorés, Minas Gerais, os adeptos do extinto partido político, Partido Social Democrático, eram conhecidos sob o nome de **pica-paus**, enquanto o adepto da extinta União Democrática Nacional era apelidado de **João-de-barro**. No Rio Grande do Sul, os seguidores do credo político de Gaspar da Silveira e mais tarde de Raul Pilla, líderes do Partido Libertador, eram conhecidos sob o nome de **maragatos** e **libertadores**. Um udenista de Nova Granada, São Paulo, ainda é um **jacu**. Um **pessepista** um **pesçoço-pelado**²¹.

9 — O Supletivismo nos Afixos

O sufixo flexional **-s**, que forma o plural dos substantivos ingleses, ocorre como **/-s/** em **hats**, como **/-z/** em **dogs**, e **/-iz/** em **dishes**. Estas três formas marcam o plural da maioria dos substantivos ingleses e cons-

¹⁴ No local do Triângulo Mineiro onde a cidade foi fundada, existia um garimpo. Os habitantes da cidade de Conceição das Alagoas continuam a chamar a cidade de Garimpo.

¹⁵ No local onde se edificou a cidade de Vitória existia uma grande plantação, em tupi **capixaba**, nome aplicado, no início, aos habitantes da cidade e, posteriormente, aos habitantes do Estado do Espírito Santo.

¹⁶ Papa-jirimun provavelmente se origina de uma plantação de abóboras (jirimun), existente, antigamente, nas imediações do quartel do exército, o 16 RI, em Natal, hoje demolido.

¹⁷ Os potiguares eram indígenas que habitavam as terras que hoje formam o Rio Grande do Norte. Potiguar significa comedor de camarão.

¹⁸ O alcunha barriga-verde provém de um uniforme de pelúcio verde, usado pelos soldados de Santa Catarina na época colonial.

¹⁹ boer (holandês) = colono. Alemão = Bauer.

²⁰ Diário da Região. São José do Rio Preto, ano 23, nº 5.092, 13 de abril de 1973.

²¹ Revista Veja, número 264, 26 de setembro de 1973, p. 38.

tituem as formas regulares do paradigma. A sua ocorrência é condicionada fonemicamente, pois depende do último fonema do radical que as precede. Paralelamente às três formas regulares, formas supletivas podem, eventualmente, indicar o plural:

(1) A forma *oxen* provém do radical *ox* e a forma supletiva de /-s/, /-z/ e /-iz/ que é /-en/. No plural de *child*, *children*, impõe-se uma escolha entre os alomorfes do plural /-en/ ou /-ren/. A favor de /-ren/ podemos apresentar a grande semelhança entre a forma singular /caɪld/* e a do plural /cild-/. A favor de /-en/ apresentamos a criação nada econômica de outra forma supletiva /-ren/. Ahamos que no plural de *child* para *children*, além do acréscimo de /-en/, verifica-se a alternância do núcleo silábico do radical e a intercalação da forma vazia /-r-/. Em *brethren*, de *brother*, também admitimos uma alternância vocálica no radical, além do acréscimo da forma supletiva /-en/ e a intercalação da forma vazia /-r-/.

(2) Muitos substantivos ingleses permanecem invariáveis no plural. É o caso de *sheep*, *deer*, *swine*, *trout*, *elk*, *salmon*, *grouse*, etc. Podemos dizer que o morfema indicador do singular destes substantivos ingleses é zero, enquanto o morfema indicador do plural é -S¹. Os substantivos *sheep*, *deer*, etc., apresentam, no singular, um morfema zero. No plural ostentam a forma supletiva ou alomorfe zero. Substantivos como *sheep*, *deer*, etc., comportam-se sintaticamente, ou como singular, ou como plural, como podemos ver em "John saw a sheep" e "John saw three sheep"; "The sheep is eating" e "The sheep are eating". O zero do plural de *sheep*, *deer*, etc., consiste numa ausência significativa do sufixo -S¹.

Examinemos agora o plural de *man*, *foot*, *tooth*, *mouse*, etc., que é *men*, *feet*, *teeth*, *mice*. O plural deste, e de outros substantivos semelhantes, também é formado pela forma supletiva zero Bloomfield já havia observado:

"A zero-alternant may go with modification of the accompanying form"²².

A alternância do núcleo silábico, que vem a ser a "modificação da forma acompanhante", é um auxiliar secundário da formação do plural e adquire o "status" de morfema, i.é, torna-se significativa. A forma *feet* consiste de três morfemas que são: o radical, a alternância e o sufixo zero. O plural de *sheep*, entretanto, consiste de dois morfemas: o radical e o sufixo zero. Na opinião de Nida 23, o contraste entre *foot* e *feet*, *tooth* e *teeth*, *mouse* e *mice*, etc., é um contraste manifesto²⁴. O con-

* Circunflexo invertido sobre o e.

** Idem.

22 Bloomfield, Leonard. *Language*. New York, Henry Holt and Company, 1933, p. 216.

23 Nida, Eugene A. *Morphology*. Second Edition. Ann Arbor: The University of Michigan Press, 1965, p. 54.

24 "The distinction between *foot* /fʊt/ and *feet* /fi:t/ is an overt difference". *Idem*. *Ibidem*.

traste entre o singular *sheep* e o seu plural é um contraste dissimulado 25.

As formas /-en/ e zero estão em relação supletiva com as formas regulares /-s/, /-z/ e /-iz/. A sua ocorrência é condicionada morfemicamente, i.é, depende do morfema que as precede.

Certos autores, entretanto, não falam em sufixo zero no caso da formação do plural de *mand*, *foot*, *tooth*, etc. Consideram a alternância vocálica a única marca do plural. Eric Kadler fala, na formação do plural de *foot* para *feet*, em alomorfe substantivo de -S¹:

"With words like *feet* and *men*, one may take the vocalic change as a "replacer" allomorph of S "26.

A alternância vocálica ou o "replacer allomorph" pode, neste caso, ser analisada como uma forma supletiva de /-s/, /-z/ e /-iz/, formadores regulares do plural inglês.

As formas supletivas de plural /-a/, *-ay/, /-ly/ e talvez /-slyz/ podem ser acrescentadas às formas supletivas já citadas. Penetraram na língua inglesa com o empréstimo dos respectivos radicais. Como exemplos citamos: *curriculum*, *currícula*; *phenomenon*, *phenomena*; *alumnus*, *alumni*; *concerto*, *concerti*; *appendix*, *appendices*. A probabilidade do emprego destas formas supletivas é maior quando o empréstimo é recente. Com o andar dos tempos, porém, são substituídas, total ou parcialmente, pelas formas regulares do plural.

Sabemos que o morfema -D¹, indicador do "past tense" do inglês, apresenta os três alomorfes regulares /-id, -t, -d/ que aparecem claros em *parted*, *laughed* e *played*. O seu condicionamento é fonêmico. O "past tense" dos verbos *bet*, *burst*, *cast*, *cost*, *cut*, *hit*, *hurt*, *let*, *put*, *quit*, *rid*, *set*, *shed*, *spit*, *split*, *spread*, *thrust*, *wet*, é formado pelo acréscimo de zero, o "zero-alternant" de Bloomfield 27, forma supletiva de /-id, -t, -d/. Na formação do "past tense" de *sang*, que é *sang*, verificamos um fato que pode ser simbolizado: /sen / = /sn / + / / e / . A alternância / / pode ser considerada como uma forma supletiva das formas regulares /-id, -t, -d/. A alternância do núcleo silábico do radical passa a ser um auxiliar secundário da formação do "past tense" e adquire o "status" de morfema. De acordo com a primeira interpretação existem dois morfemas em *sang*: o morfema do radical e o morfema da alternância. De acordo com a segunda interpretação, *sang* apresenta três morfemas: o morfema do radical, a forma supletiva zero, e o morfema da alternância.

Certos falares rejeitam a alternância e a forma supletiva zero para indicar o "past tense", em favor de uma forma regular. Alguns escritores refletem esta tendência nos seus escritos:

25 "The contrast between the singular *sheep* /slyp/ and the plural *sheep* /slyp/ consists of a zero and is covert". *Idem*. *Ibidem*.

26 Kadler, Eric H. *Linguistics and Teaching Foreign Languages*. London, Van Nostrand Reinhold Company, 1970, p. 62.

27 *Idem*. *Ibidem*.

"He never drewed a knife on anybody and quick no more, it was almost quiet, and knowed now I wouldn't never change him"28.

O indicador do "past participle" do Inglês que é -D², apresenta os alomorfes regulares /-d, -t, -id/, com a distribuição seguinte: /-d/ após /b g j v d z z m n l r y w H/; /-t/ após /p k o f O s s/; /-id/ após /t d/. O alomorfe supletivo zero ocorre após os radicais verbais *bet, burst, cast, cost, cut, hit, hurt, let, put, quit, rid, set, shed, spit, split, spread, thrust, wet*.

Na formação do "past participle" de verbos como *spin, meet, sing, bend*, etc., verificamos, ou uma alternância vocálica, ou uma alternância consonantal, mas não um acréscimo. A alternância pode ser considerada como uma forma supletiva das formas regulares de -D. Outra interpretação: o "past participle" de *spin, meet*, etc., é formado pelo acréscimo do alomorfe zero, forma supletiva de /-d, -t, -id/. Como na formação do "past tense", a alternância passa a ser um auxiliar secundário da formação do "past participle".

A forma /-n/, forma supletiva de /-t, -d, -id/, indica o "past participle" nas formas *blown, de blow; grown, de grow; known, de know; thromb, de throw*; em *born, sworn, torn, worn*, a forma supletiva /-n/ indica o "past participle" com o auxílio de uma alternância.

grow; known, know;
thrown,

A forma supletiva /-in/ indica o "past participle" dos verbos *forsoke, shake, take* e obtemos *forsoaken, shaben e taben*. A mesma forma supletiva, coadjuvada pela alternância, indica o "past participle" de verbos como *drive e speak*.

shaken taken.

O Morfema -S¹, indicador da terceira pessoa do singular do presente do indicativo dos verbos ingleses, apresenta os alomorfes regulares /-iz, -z, -s/, que aparecem em *catches, begs e fits*. O seu condicionamento é fonêmico. Alternam com a forma supletiva zero nos verbos *can, shall, will, must, may e*, em certos casos, com *need e dare*, quando modificados por *not*. O condicionamento de zero é morfêmico com *can, shall, will, must, may*. É gramatical com *need e dare*.

Certos falares rejeitam a forma supletiva zero como indicadora de terceira pessoa do singular do indicativo em favor de uma forma regular. Esta tendência também se vê refletida na literatura de certos autores como podemos ver em

"Let him take me if he milts"29.

28 Faulkner, William. *Two Soldiers*.

* Circunflexo invertido sobre j, z (o 2.º), c e a. d e O cortador por traço horizontal.

29 Idem, *Ibidem*.

Na opinião de Bloomfield 30, o sufixo -S³ que indica o "possessive case" do Inglês apresenta os três alomorfes regulares /-iz, -z, -s/ que têm uma distribuição idêntica aos alomorfes regulares de -S¹ e -S². Um alomorfe supletivo zero ocorre após uma forma que já termina pelo sufixo indicador do plural, como em *boys*.

A marca geral do feminino português é /-a/, em oposição ao masculino não marcado, como podemos ver em casos como *lobo, loba; gato, gata*, etc. Para a formação do feminino de *avô*, apresentamos duas explicações: (a) em *avô* verifica-se a falta da marca de feminino /-a/. O feminino é indicado pela alternância vocálica, traço distinto e forma supletiva de marca geral do feminino /-a/; (b) em *avô*, o alomorfe supletivo da desinência do feminino /-a/ é zero. A alternância vocálica não passa de um traço redundante secundário.

A língua portuguesa indica o plural pela desinência genérica -S. Um alomorfe supletivo zero indica o plural dos paroxítonos já terminados em /-S/. Ex.: lápis, os lápis. Outra explicação: no plural *píres* verificou-se a crase da consoante final do radical e desinência do plural: *píres + s = píres*.

Nem sempre a forma zero constitui uma forma supletiva. No francês o plural tem um aspecto prefixal e sufixal. O alomorfe mais comum do morfema do plural sufixal é zero. Ex.: *la femme, les femmes*. Em *animaux, chevaux*, etc., ocorre um alomorfe supletivo de zero que é /-o/.

O plural dos substantivos russos pode ser simbolizado por -I. Uma forma regular /-I/ é acrescentada à maioria dos substantivos masculinos e femininos para a formação do plural. Entretanto, uma forma supletiva /-a/ indica o plural dos substantivos neutros e alguns substantivos masculinos.

A idéia de forma supletiva ainda pode ser mais explorada. Citamos ainda o fato das frases subjuntivas que se tornam supletivas das imperativas quando não existe imperativo propriamente dito. Para os dinamarqueses, a sinonímia é um caso de supletivismo 31. Outros exemplos poderiam ser extraídos das línguas mais estudadas nas nossas Universidades. Entre estas mencionamos, de modo mais especial, o espanhol, o alemão e o latim.

30 Linguagem, p. 216.

31 Carreter, Fernando Lázaro, *Ibidem*.

BIBLIOGRAFIA

- 1 — BECHARA, Evanildo. *Moderna Gramática Portuguesa*. 17.^a edição. São Paulo, Companhia Editora Nacional.
- 2 — BLOCH, Bernard and George L. Trager. *Outline of Linguistic Analysis*. Baltimore, Linguistic Society of America, 1942.
- 3 — BLOOMFIELD, Leonard. *Language*. New York, Henry Holt and Company, 1933.
- 4 — BORBA, Francisco da Silva. *Pequeno Vocabulário de Lingüística Moderna*. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1971.
- 5 — CARRETER, Fernando Lázaro. *Diccionario de Términos Filológicos*. Tercera edición corregida. Madrid, Editorial Gredos, S.A., 1968.
- 6 — DINNEEN, Francis P. *An Introduction to General Linguistics*. New York, Holt, Rinehart and Winston, Inc., 1967.
- 7 — FAULKNER, William. *Two Soldiers*.
- 8 — HOCKETT, Charles F. *A Course in Modern Linguistics*. New York, The Macmillan Company, 1958.
- 9 — JESPERSEN, Otto. *Essentials of English Grammar*. George Allen and Unwin Ltd., 1960.
- 10 — KADLER, Eric H. *Linguistics and Teaching Foreign Languages*. London, Van Nostrand Reinhold Company, 1970.
- 11 — LANGENDOEN, D. Terence. *The Study of Syntax*. New York, Holt, Rinehart and Winston, Inc., 1969.
- 12 — MATTOSO Camara, Jr. Joaquim. *Dicionário de Filologia e Gramática*. 2.^a edição refundida. Rio de Janeiro, J. Ozon+Editor, 1964.
- 13 — NIDA, Eugene A. *Morphology*. Second Edition. Ann Arbor: The University of Michigan Press, 1965.
- 14 — STAGEBERG, Norman G. *An Introductory English Grammar*. Second Edition. New York, Holt, Rinehart and Winston, Inc., 1970.
- 15 — ULLMANN, Stephen. *Semântica*, 2.^a edição. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1964.